

Atividades desenvolvidas em sala de aula através do Pibid

Moisés Abraão Stein¹

Resumo: Juntamente com meus colegas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvemos dentro da sala de aula algumas atividades que foram realizadas com aulas práticas, que foi a atividade com cerâmica e em seguida o trabalho de sítio arqueológico. Na atividade com cerâmica os alunos tiveram que fazer potes com argila conforme foi trabalhado em sala de aula, neste contexto cada criança fez seu pote de maneira diferente uma das outras e, em seguida, pintaram com as cores que os povos indígenas usavam quando faziam suas cerâmicas. Na parte do sítio arqueológico os alunos tiveram uma simulação de uma escavação de um sítio arqueológico onde encontravam restos de cerâmicas (parte de campo). E na parte de laboratório os estudantes foram levados para um museu, onde tiveram que montar as partes das cerâmicas que encontraram neste sítio que escavaram. Tanto na parte de campo, como na parte de laboratório, as crianças tiveram que trabalhar em equipe. Ao final das atividades desenvolvidas os alunos perceberam que tanto na parte da construção da cerâmica como na parte do sítio arqueológico, o trabalho deveria ser feito em equipe. Também viram qual a função do arqueólogo, qual o seu trabalho, pois antes pensavam que o trabalho do arqueólogo fosse o de achar ossos de dinossauros.

Palavras-chaves: PIBID, Cerâmica, Sítio arqueológico, Aulas práticas.

Summary: Together with my colleagues PIBID, we develop within the classroom some activities that were carried out with practical lessons, which was working with pottery and then the work of archaeological site. In activity with ceramics students had to make pots with clay as was working in the classroom, this contest each child made his pot differently one of the other and then painted with colors that indigenous people used when they made their ceramics. Already in the archaeological site of the students had a simulation gave an excavation of an archaeological located where they found remains of ceramics (fieldwork). And in the lab students were taken to a museum, where they had to assemble the parts of the ceramics found that place that feels excavated. Both in the field and in the laboratory the children had to work in teams. At the end of the activities the students realized that both in the construction of ceramics as part of the archaeological site, the work should be done in teams. Also viewed the function of the archaeologist, what's your job, because before thought that it was the work of the archaeologist to find dinosaur bones.

Keywords: Pibid, Ceramics, Archaeological Site, Practical classes.

Introdução

Inicialmente, eu e meus colegas do PIBID, tivemos a ideia de trabalhar a cerâmica dos povos indígenas do Rio Grande do Sul. Antes, no entanto, apresentamos quais os povos existiam aqui no Estado, porque as crianças desconheciam o assunto e nem compreendiam o que era a cerâmica. Trabalhamos os povos dos campos, povos das florestas, do litoral, dos cerritos e os povos dos pinheirais. Vimos também que cada um deles é identificado por uma

¹ Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT). Contato: moisesstein25@gmail.com

tradição: Tradição Taquara, Tradição Umbu, Humaitá, Vieira e Sambaquianos. E, neste contexto, separamos estes povos em pré-cerâmicos e ceramistas.

Povos Pré-cerâmicos

Os povos dos campos foram os primeiros a vir para o Sul, seus vestígios são classificados como Tradição Umbu. Abriam-se em cavernas e em algumas delas até fizeram desenhos que são chamados de arte rupestre. Sobre a arte rupestre podemos informar que:

O homem pré-histórico deixou quase toda a arte rupestre existente no Rio Grande do Sul. Os motivos gravados nas rochas são bastante simples: formas geométricas, traços, triângulos e linhas que se cruzam, dificultando saber o que significa. É muito difícil datar a arte rupestre. Em muitas grutas com motivos gravados, existem artefatos dos primeiros caçadores que povoaram o estado, sendo possível que fossem os autores das gravuras (1200 ANOS DE HISTÓRIA E PRÉ-HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL, 2013, p. 39).

Os povos das florestas são grupos nômades que vivem perto dos rios. Sua alimentação é baseada na dieta de frutas e do pinhão e também da caça e da pesca, pois estes povos eram caçadores e coletores. Neste contexto Custódio (2004) destaca que os vestígios encontrados dos povos de florestas são classificados como da Tradição Humaitá, e que estes povos viveram e se desenvolveram nas florestas até o aparecimento dos Guaranis que influenciaram na cultura. Os povos do litoral formaram os sambaquis, que são os amontoados de restos de conchas, moluscos. “Alguns sambaquis apresentam ossos de peixes, de aves, de animais terrestres e aquáticos” (CUSTÓDIO, 2004, p. 12). Podemos dizer que os grupos que ocuparam os sambaquis, são os grupos das florestas e dos campos. Algumas das ferramentas destes povos do litoral são feitas de osso, como anzóis e também artefatos de pedra polida como pesos para as redes.

Povos Ceramistas

Os vestígios dos povos dos cerritos são conhecidos como da Tradição Vieira. São moradores do Sul do Rio Grande do Sul, conhecidos como povos dos campos que formaram aterros que são chamados de cerritos. “Os aterros ou cerritos são montes artificiais facilmente reconhecíveis pelos pesquisadores” (1200 ANOS DE HISTÓRIA E PRÉ-HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL, 2013, p. 39). Estes aterros possuíam variados tamanhos e formas

circulares e algumas elípticas, de acordo com Instituto Anchieta de Pesquisa São Leopoldo. (1991, p. 109).

Os cerritos são pequenas elevações do terreno, com forma aproximadamente circular, oval ou elíptica, compostos principalmente de terra, ou com grande quantidade de restos de alimentos humanos, que podem chegar até 100 m de diâmetro e 7 m de altura. Encontram-se na proximidade das lagoas ou em banhados ao longo dos rios. Geralmente vem agrupados, mas há também os solitários.

Os povos dos pinheirais habitavam lugares onde existiam mata de araucárias. Sua alimentação era composta por variedade de frutas, raízes e vegetais, tinham também na época do outono, o pinhão. Este grupo também praticava a caça e a pesca que faziam parte de sua dieta. Eram construtores de casas subterrâneas que serviam para se protegerem do frio. “Eram casas geralmente circulares, algumas parcialmente enterradas, cobertas por fibras vegetais. Agrupadas, formavam pequenas aldeias dispersas na floresta” (CUSTÓDIO, 2004, p. 14). Seus vestígios são conhecidos como pertencente à Tradição Taquara. É importante ressaltar que algumas das casas subterrâneas eram bem sofisticadas na sua arquitetura, pois possuíam uma bancada para se acomodar, onde poderiam fazer suas atividades. No centro da casa tinha um aprofundamento maior que servia para fazer a fogueira.

Cerâmica

Depois da parte teórica sobre os povos pré-cerâmicos e os ceramistas, trabalhamos com os alunos a parte prática sobre a cerâmica. Levamos argila para a sala de aula para que cada aluno fizesse um pote de argila conforme seu conhecimento. Neste momento as crianças já sabiam que algumas cerâmicas eram lisas e outras decoradas como na tradição taquara:

São vasilhas muito pequenas e finas, de coloração escura e, às vezes, polida. Algumas vasilhas apresentam decorações feitas com instrumentos pontiagudos quando a argila ainda estava mole: traços em linhas paralelas ou zigue-zague e pontos são mais comuns. Também se decorava a cerâmica envolvendo-a com cestos para deixar uma espécie de ‘impressão’ dos traçados (1200 ANOS DE HISTORIA E PRÉ-HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL, 2013, p. 77).

No estudo da cerâmica os alunos perceberam que no grupo dos Guaranis os homens faziam o trabalho mais pesado como cortar o mato, buscavam alimentos através da coleta e da caça e também guerreavam com outros grupos. “A cerâmica era feita pelas mulheres que necessitavam para os afazeres da casa de recipientes com tamanhos diferentes” (1200 ANOS DE HISTÓRIA E PRÉ-HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL, 2013, p. 91). O tamanho dependia para da utilidade, pois as grandes eram para conservar as bebidas das festas; as

panelas que eram menores e serviam para cozinhar os alimentos e menor ainda eram as tigelas que usavam para servir o alimento. Portanto podemos dizer que as mulheres ficavam com trabalhos mais leves, como: cozinhar e fazer a cerâmica. E as crianças ajudavam a cuidar dos menores. Ainda sobre a cerâmica dos Guaranis, enfatiza Custódio:

Suas vasilhas cerâmicas eram feitas a partir de roletes de barro, unidos e alisados com as mãos. As superfícies externas eram pintadas nas cores vermelho, preto e branco ou decoradas com marcas de dedos e unhas. As maiores serviam para preparar bebidas, ou para enterrar seus mortos. (CUSTÓDIO, 2004, p. 15)

Dentro deste aprendizado as crianças tinham feito seus potes com a argila que foi levada por nós, professores do PIBID. Alguns fizeram nos seus potes as marcas em formas de linhas paralelas e outros os fizeram lisos. Também teve diferença nos tamanhos onde alguns fizeram maiores e outros menores e na espessura também percebemos as diferenças, alguns mais finos e outros mais grossos. Deixamos os potes secarem e na aula seguinte foi a vez de pintar.

Para a pintura dos potes levamos tintas de cores, preto, vermelho, verde e branco e cada criança pintou seu pote. Alguns pintaram de uma cor e outros de várias cores. Alguns ainda queriam misturar as cores para formar outros tons, mas explicamos que os indígenas não faziam misturas das cores. Depois de ter a cerâmica pronta, as crianças notaram que era um trabalho bem desenvolvido para aquela época, levando-se em conta as decorações e pinturas que eram feitas. Então refletiam: como que foi inventada a cerâmica?

Seria difícil dizer como é que a cerâmica foi inventada. [...]; certas pessoas dizem que a cerâmica foi descoberta quando um recipiente foi cozido acidentalmente pelo calor do sol, mas é difícil encontrar provas que confirmam isto. O mais provável é que a cerâmica, em virtude do clima social e econômico do período neolítico, tenha sido inventada várias vezes nas condições sedentárias, então possíveis. Alguns dos primeiros recipientes poderão ter sido cozidos ao sol, não restam dúvidas. A maioria dos eruditos aceita a tese de que a cerâmica foi inventada independentemente na América algum tempo depois de 3000 a.C. (CELORIA, 1978, p. 50-51).

Algumas cerâmicas ficaram muito secas e quebraram então as crianças queriam saber se tinha como consertar e se a cerâmica dos povos indígenas também quebrava. E o que esses povos faziam quando quebrava e não tinha mais utilidade. Conforme 1200 Anos de História e Pré-História do Rio Grande do Sul (2013, p.91) “os recipientes maiores, depois de velhos e inúteis, serviam ainda para enterrar os mortos, que eram cobertos por panelas e acompanhados de tigelas com alimentos”. Dentro deste contexto partimos para a arqueologia, sendo trabalhada a teoria e depois a prática onde nossos alunos tiveram a parte prática em duas etapas, uma de campo e outra de laboratório, desenvolvida no museu. Quando perguntamos o que eles sabiam sobre arqueologia, vimos que o conhecimento era muito fraco e alguns não

sabiam nada. Outros se baseavam no personagem Indiana Jones, que pensavam que o arqueólogo fosse o que fazia as escavações em busca de ossos de dinossauros, que arqueologia era o estudo dos dinossauros.

Arqueologia

Primeiramente, antes de nos ir para trabalho de campo, precisamos saber: o que é arqueologia? E de acordo com Ribeiro:

Definiríamos a arqueologia como uma ciência que busca a reconstituição das tradições culturais extintas e tenta descobrir sua evolução ou decadência, expansão no tempo e no espaço ao ambiente. Com isso, também respondemos parcialmente o que busca o arqueólogo com seu trabalho. Além de conhecimento técnico [...], a pessoa que vai tentar este tipo de atividade, necessita conhecer as leis da cultura e o modo como os diversos povos organizam a sua vida, em todos os aspectos, incluindo-se os espirituais e sociais. Aparentemente nos parece ser isto impossível, pois o arqueólogo só lida com restos materiais de uma cultura (RIBEIRO, 1977, p. 14).

E os materiais mais comuns de serem encontrados nos sítios arqueológicos são as cerâmicas e também o mais importante, pois como vimos às cerâmicas grandes quando não serviam mais eram utilizadas para enterrar os mortos, por isso talvez sejam as mais fáceis de achar. A arqueologia se confunde muito com a paleontologia que é uma ciência que estuda os seres vivos que já existiram nos períodos históricos.

Celoria (1978) deduz que a arqueologia estuda o passado do homem através dos vestígios que podem ser restos de materiais ou comidas como também restos de uma fogueira. A arqueologia não é só uma ciência – trata-se de uma arte e suas técnicas podem ser aplicadas em qualquer período histórico.

O trabalho da arqueologia se divide em duas partes: o trabalho de campo e o trabalho de laboratório. E este trabalho de campo foi feito na escola com os alunos. Foram quebrados pelos professores vasos de barro de tamanho pequeno e os pedaços foram enterrados sem a presença dos alunos.

Trabalho de campo

O trabalho de campo está dividido em três partes: coleta artificial sistemática, prospecção e escavação. Temos também diversos tipos de materiais para levar no trabalho de campo alguns deles: caderno com capa dura e com muitas folhas, máquina fotográficas, metro de carpinteiro, sacos de pano e de plástico, papel para embrulhar (pode ser o papel sanitário),

peneiras, tesouras, pá de lixo ou de jardineiro ou até pazinha de pedreiro, caixa de madeira, vassourinha e pincel, cordão, etiquetas, estacas de madeiras, vidros com bocas largas, material escolar e material de camping, mochila cantil entre outras coisas...

O trabalho de campo do arqueólogo é uma atividade mais complicada, não é um trabalho muito bom, pois depende muito do clima. Por exemplo, se chover não tem como fazer uma escavação, além disso, o arqueólogo ao fazer o trabalho de campo precisa saber que vai estar no campo ou mato e lá existem diversos tipos de animais, alguns mais perigosos como cobras, aranhas e outros. O arqueólogo precisa estar preparado para tudo que pode vir acontecer em seu trabalho. Também deve levar roupas para frio e para o calor, pois nunca sabe como vai estar o clima. É importante também levar comida, água para beber e outros mantimentos nunca se sabe quanto tempo vai ficar em uma escavação, às vezes pode levar dias, semanas ou até meses. Deve estar preparado para ficar longe da família e se dedicar ao mundo do trabalho que escolheu.

Na escola quando aplicamos a prática de campo não nos preocupamos muito com isso e os materiais também foram levados: pá de jardineiro e de pedreiros, pincéis, cordão, estaca, sacos plásticos, papel e caneta. O tipo de trabalho de campo realizado na escola foi de coleta superficial sistemática:

Coleta superficial sistemática consiste em coletar todo o material de superfície encontrado. Não poderá haver escolha, pois, então, deixara de ser sistemático e toda a tarefa posterior estará perdida. Isto baseia-se na técnica estatística da amostragem. Caso haja material cerâmico (fragmentos de vasilhames), recomenda-se marcar uma área de 3 x 3m, e recolher tudo dentro dela (RIBEIRO, 1977, p. 19).

Os alunos escolheram um local onde deduziram que poderiam encontrar os fragmentos dos materiais quebrados, eles escolheram o local devido a rastros de pessoas e também pela coloração da terra que parecia estar mexida. Em seguida limparam este local e demarcaram colocando as estacas e o cordão, depois de feito isso começou o trabalho de escavar. Toda vez que achavam alguma coisa deveriam limpar com o pincel, depois pegar e colocar dentro de um saco plástico com um número ou com o nome deles e não poderiam ser misturados outros pedaços que seriam encontrados separados em outro local, pois cada um teria um saco diferente. “Se existirem dois ou mais focos de cerâmica, recomenda-se a técnica anteriormente descrita para cada um deixar o material separado (levará, posteriormente, número de catálogo diferente)” (RIBEIRO, 1977, p. 19). Também não se pode misturar a cerâmica com outros materiais em um mesmo saco, como cerâmica, lítico, ossos ou conchas.

Como os objetos foram enterrados cinco dias antes da escavação estava fácil para serem encontrados. E a limpeza também era bem tranquila, pois estavam na terra de areia com isso facilitava as escavações. Ainda é importante ressaltar que:

Uma escavação arqueológica é um trabalho de especialistas treinados para descobrir informação preciosas, que podem esclarecer partes de nossa história. Todo trabalho é pouco e, a medida que se faz a escavação, o trabalho vai sendo registrado por meio de desenhos, fotografias e anotações (CUSTÓDIO, 2004, p. 21).

Como os alunos não tinham máquinas fotográficas, só faziam os registros por meio de anotações dos materiais que encontravam. E sobre a terra peneirada, conforme Custódio (2004, p. 21) “a terra escavada é peneirada e os objetos encontrados são identificados e embalados.” Aqui a terra não era peneirada, por ser só uma noção de um sítio arqueológico.

Sobre a outra técnica de trabalho de campo que é a de corte experimental segundo Ribeiro (1977) é conhecido também como prospecção onde é feita uma sondagem para ver se existem outras culturas diferentes das que aparecem por cima, na superfície, assim acabam vendo se é necessária uma escavação ou se não. Caso for escavado são feitos quadros de 1,5m x 1,5m ou de 2m x 2m. Menor não pode ser, pois se os objetos estiverem muito profundos dificulta a escavação, pois às vezes pode ter cultura sob cultura e então existem várias camadas umas sobre as outras, assim se tornando com profundidade enorme.

Este tipo de sítio arqueológico também foi feito, foi este o que mais gostaram e que mais deu trabalhos para as crianças, porque nós, professores do PIBID, tínhamos enterrado os objetos em várias camadas. Percebemos aqui a dificuldade que tiveram quando encontravam as camadas diferentes, pois achavam que os fragmentos encontrados eram dos mesmos objetos e então acabavam misturando. Alertamos para que cuidassem da coloração dos objetos. Objetos de coloração diferente pertenciam a camadas diferentes, culturas diferentes.

A técnica de escavação no trabalho de campo, por sua vez, não foi realizada a parte prática com os alunos, e sobre esta técnica argumenta Ribeiro (1977) que não é para escavar por escavar, é necessário que tenha algum conhecimento técnico para este tipo de prática, não sendo assim para os colecionadores. Os mecanismos são os mesmos da técnica de prospecção, fazer quadrícula de 1 x 1m, também fazer anotações e fotografar, aqui a única coisa que se pode escolher é que entre as quadrículas se pode deixar um espaço de 20cm. As anotações sempre são importantes porque os sítios sempre vão ser diferenciados, onde nunca um vai ser igual ao outro.

Nesta técnica não realizamos a parte prática porque é parecida com a outra que já tinha sido realizada, então não foi necessário, até porque as crianças já compreenderam mais fácil só na parte teórica.

Trabalho de laboratório

Como já tinha sido dito o trabalho do arqueólogo se divide em duas partes, que é a de trabalho de campo e a de trabalho de laboratório, então depois dos alunos terem feito a parte do trabalho de campo onde resgataram os fragmentos dos materiais, partiram, então, para o trabalho de laboratório. Na parte de laboratório os alunos deveriam juntar as parte que tinham sido encontradas para poder colar ver o que formava. E como no trabalho de campo, no trabalho de laboratório também precisa de alguns materiais que são de extrema importância para conseguir realizar a tarefa.

Material necessário: cola do tipo Tenaz para a cerâmica e para o lítico, além desta, outra mais forte, nanquim, canetas, escovas, medidor de ângulos para material lítico; medidor de aberturas de vasos, cerâmica; caixas para acondicionamento do material, verniz ou esmaltes, secador de material com seis gavetas de tela de 60 x90cm, divididas ao meio, fichas, arquivos de aço, caixas de areia, pias, mesa para análise de 1,8 x 3,5m aproximadamente, paquímetro, mapas do Exército (1:50.000), Escala de Mohs, da dureza 2até 5, lupa de no mínimo 10 aumentos, martelo ou troques, mesa de desenho etc. (RIBEIRO, 1977, p. 27).

Como era só uma atividade e não um trabalho profissional não usamos todos estes materiais. Foi levado somente o básico, a cola tenaz, pois os únicos objetos que as crianças teriam para colar eram a cerâmica. Foi levado também pincel para tirar alguma sujeira. Mesa havia no local onde foi realizada a atividade. Pia não foi necessário para limpar os objetos porque não estavam muitos sujos, tinham sido enterrados na areia apenas três dias antes da escavação.

É importante lembrar que os objetos são levados para o laboratório para serem limpos e, em seguida, deve se fazer a catalogação e após é feito o estudo, restauração e, por último, a conservação. Assim os objetos são comparados uns com os outros e feito estudo sobre eles, chegando assim a interpretações históricas.

Chegando ao laboratório é feita a lavagem do material encontrado. “Para o lítico, uma escova dura, para a cerâmica, uma macia” (RIBEIRO, 1977, p. 27). Enquanto para os materiais feitos de ossos e madeira não é necessário lavar.

Para lavar a cerâmica pintada, precisa-se ter o cuidado para que os desenhos não se apaguem, mas em nossa atividade não tínhamos cerâmica pintada. Após a lavagem é feita a secagem do material e coloca-se um número de catálogo neste material. Feito isso vem uma terceira parte que consiste em analisar este material e estudar, vão medir a espessura a altura, ver de qual material é feito, ver outros objetos parecidos para comparar, então vai se descobrir a qual cultura pertenceu. Também se preocupa em saber a idade deste material. E como saber

a idade deste determinado objeto? Isso é realizado através dos métodos de datações, a relativa e a absoluta.

Dentro do método de datação relativa temos as datações de estratigrafia, achados de vários objetos unidos ou depósitos, a tipologia de método cronológico e a corologia ou cronologia comprada.

Para a datação absoluta temos: a) sedimentos glaciais (varves); dendrocronologia; c) potássio de flúor; e) isótopos de hidrogênio (água); f) urânio-chumbo; g) cronologia astronômica em relação com os últimos geológicos da terra; h) análise de obsidiana; i) termoluminescência (análise do magnetismo ou imantação termonuclear); j) cronologia arqueológica comparada absoluta; l) carbono-14 (C-14) (RIBEIRO, 1977, p. 31).

Sobre o carbono -14 os alunos ficaram interessados, querendo saber o que era este C-14. Explicamos então como se formava, enfatizando o tempo de meia vida. Este foi um assunto bem interessante não tivemos aula prática aqui, só a teoria.

O carbono 14 é formado a partir da colisão entre raios cósmicos e o nitrogênio 14, encontrando na atmosfera terrestre. Esse isótopo do carbono liga-se facilmente com o oxigênio, formando o gás carbônico ($^{14}\text{CO}_2$), que é absorvido pelas plantas. Quando um ser vivo morre, a quantidade de carbono 14 diminui, o que implica em um decaimento radioativo. O tempo de meia vida do carbono 14 (^{14}C) é de 5730 anos. Isto significa que se um organismo morreu há 5730 anos terá a metade do conteúdo de ^{14}C . O tempo de meia vida de um elemento radioisótopo é o tempo necessário para que se desintegre a metade de sua massa, que pode ocorrer em segundos ou em bilhões de anos, dependendo do grau de intensidade do radioisótopo. Ou seja, se tivermos 200 g de massa de um elemento radioativo, cujo tempo de meia vida é de 10 anos, após esses 10 anos o elemento terá 100 g de massa. Assim sendo, a idade radiocarbono da amostra fóssil pode ser obtida comparando a radioatividade específica $^{14}\text{C}/^{12}\text{C}$ desta amostra. Nesse caso, quanto menor é a quantidade de carbono 14 encontrada na amostra mais antiga ela é. Para descobrir a quanto tempo um organismo morreu, determina-se a quantidade de elétrons que o organismo emitiu por minuto por grama de material, que hoje em dia é de aproximadamente de 15 elétrons emitidos por minuto por grama de amostra (CAVALCANTE, 2014).

Museus

Todo este trabalho da parte da parte de laboratório foi feito dentro de um museu porque nós não tínhamos um laboratório. Os alunos foram levados para um museu de arqueologia. Chegando ao museu os alunos começaram a montar suas cerâmicas que tinha achado nas simulações dos sítios arqueológicos que tinham sido feitas na escola nas semanas anteriores. Após terminarem a tarefa de juntar as peças, puderam ver a exposição que tinha neste local. Viram então as urnas funerárias de cerâmica, como também cachimbos, tigelas, alguns dentes de animais e tantas outras coisas. Tudo o que viram foi feito pelas tribos indígenas que viveram no Rio Grande do Sul há muito tempo e que o tempo deixou guardado nos sítios

arqueológicos, onde mais tarde foi resgatado pelos arqueólogos, foi limpo em seguida consertado, colado e por fim montaram uma exposição no Museu que fica exposto para visitação.

Destaco também que apesar de não ter um laboratório de arqueologia para ser feito trabalho de reconstrução, eu e meus colegas do PIBID, poderíamos ter desenvolvido a atividade dentro da sala de aula. Mas não foi feito dentro da sala e sim foi no museu, porque achamos importante fazer uma visita ao museu. Ainda é importante lembrar que para fazer uma visita ao museu é necessário ter um objetivo, e não levar apenas por levar. Pois para o aluno uma visita ao museu segundo Abud; Silva; Alves é uma oportunidade de sair da sala de aula de um ambiente onde só se tem repetição e ir para um lugar diferente, conhecer um espaço novo e pessoas novas, ter o aprendizado através das exposições.

O museu é um espaço complexo, no qual convergem diferentes dimensões e processos da produção do conhecimento: coleta, pesquisa, guarda, conservação e comunicação. É uma instituição permanente, sem finalidade lucrativa, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. Como espaço de produção de conhecimento aberto ao público, sua função é adquirir, conservar, pesquisar, comunicar e exibir evidências materiais do homem e de seu ambiente para fins de pesquisa, educação e lazer. Assim, o papel social dos museus é definido, na atualidade, por sua função educativa (ABUD; SILVA; ALVES, 2010, p. 127).

No museu percebemos que os alunos ficavam fascinados com os objetos que viam, pois eram objetos antigos que até agora tinha visto apenas imagens nos livros ou fotografias e com esta visita ao museu conseguiram ver na frente de seus olhos estes objetos reais. Muitos pensavam que no museu não tinha nada de importante, que só possuía coisas velhas e inúteis. Por isso que é importante levar os alunos ao museu sejam crianças ou adolescentes. Levando-os ao museu tiramos o pensamento errado que tem sobre este local assim percebendo que existem várias coisas de importante, bonitas e interessantes em um museu.

Essa visão, comum entre crianças, jovens e adultos dos diferentes grupos socioeconômicos, mostra representações do passado, da memória e da História como sinônimos de 'antiguidade', algo distante no 'tempo-espaço', com poucas relações com o presente e quase nenhuma relação com o futuro (ABUD; SILVA; ALVES, 2010, p. 127).

Acreditamos que o ensinar história dentro de um museu os alunos conseguem um aprendizado muito mais rápido por absorverem o conteúdo de maneira diferente, de um jeito prático onde, além disso, tudo pode se questionar, fazendo perguntas, para si mesmos assim tendo um amplo conhecimento e raciocínio rápido.

Ao ver os objetos podem num piscar de olhos reconstruírem o passado, tendo assim um amplo aprendizado, desenvolvendo uma imaginação fantástica. Nos espaços históricos como museus além do aluno poder sair sala de aula, continua sendo aula, mais diferenciada e

mais prazerosa, mais divertida, saindo daquela repetição diária. Diferente de dentro da sala de aula, no espaço do museu, a curiosidade era maior ao ver os objetos expostos. Como em todo lugar tem regras no museu não foi diferente. Alguns queriam tocar e pegar os objetos, mas não podiam como também não era permitido correr. “Quando visitamos um museu, temos contato com seu acervo, suas coleções de objetos e outros documentos, por meio da exposição. Toda exposição é construída para narrar, para dizer algo sobre o tema em questão” (ABUD; SILVA; ALVES, 2010, p. 134).

Dentro do museu é importante que o aluno possa fazer diversas atividades como a de observação onde vai ser o momento de descoberta que pode ser feito através de percepção visual ou perguntas com o objetivo de identificar o objeto. Temos também a atividade de registro, que é o momento de investigação, buscando relações entre o mundo das coisas e as pessoas que construíram, o aluno pode fazer desenhos dos objetos, fotografias mapas e maquetes o objetivo aqui é de fixar aspectos relevantes, aprofundar a observação e desenvolver a memória, o pensamento lógico intuitivo e operacional. Na atividade de exploração é o momento de analisar, interpretar, onde se pode fazer uma análise do problema, fazer questionamento sendo o objetivo de desenvolver a capacidade de análise e de julgamento crítico. Outra atividade que pode ser feita é de apropriação, momento da reinvenção, de dar significados às informações onde pode se fazer a recriação, interpretação através de expressão, como pintura, escultura, danças, textos, filmes vídeo, teatro. O objetivo aqui pode ser de promover o envolvimento afetivo, participação criativa e valorização do bem cultural.

Nos museus não se pode colocar tudo a mostra, pois isso cansa os olhos de quem o visita, deve se mostrar pouco para se tornar interessante e neste contexto enfatiza Celoria:

Felizmente, hoje em dia, as pessoas que vêem os museus como lugares sombrios, aborrecidos e poeirentos já são poucas. Todavia, muitas delas não compreendem que um bom museu deveria ser como o iceberg proverbial: a maior parte da massa sob a superfície. Se tudo estiver à mostra, o visitante depressa cansará seus olhos e seu espírito. Assim um bom museu exhibe apenas 1% de suas coleções. As peças exibidas são escolhidas pela sua beleza, ou como características de determinados locais, ou ainda porque são espécimes representativos de uma data específicas. As peças exibidas devem ser mudadas a intervalos que não sejam demasiado longos. (CELORIA, 1978, p. 152).

Como vimos em um museu não deve colocar todos seus objetos expostos de uma só vez, mas sim de ir trocando de tempo em tempo, para que as pessoas possam ir visitar mais que uma vez. Trocando os objetos sempre teremos uma coleção diferente e assim terá mais público para este espaço histórico, e quem já foi vai querer ir de novo para conhecer a nova coleção.

Também no caminho da escola para o museu fizemos o conhecimento do caminho, perguntando aos alunos se eles sabiam os nomes das ruas que estávamos passando, como também mostrávamos alguns prédios históricos que possui a cidade. Viam também o espaço urbano como foi modificado. Até fora do prédio do museu os alunos conseguira ver o espaço, o pátio grande que possui este museu possibilita fazer várias atividades. No dia em fomos ao museu fazer o nosso trabalho de laboratório e a visitação, havia chovido e estava tudo molhado, mas nem isso impediu nossos alunos de fazerem brincadeiras no pátio. Após as tarefas realizadas dentro do museu fomos para o pátio onde as crianças fizeram um lanche junto com os professores e, em seguida, fizeram uma caminhada em uma trilha no meio da mata, observando o ambiente, a flora e fauna, foi encontrado até bugio nesta trilha.

Ao retornar à escola as atividades não tiveram fim, apesar de naquele dia já estar terminando o horário de aula. Na semana seguinte seguiu-se com a atividade, pois seria a vez de tirar as dúvidas como também colocar suas curiosidades e fatos interessantes da visita ao museu.

As atividades que propomos aos alunos foram muito bem desenvolvidas, pois desde a parte que começamos a trabalhar com os povos indígenas do Rio Grande do Sul foram surgindo outros assuntos: a cerâmica, o sítio arqueológico que foi feito em duas etapas: parte campo e parte de laboratório que foi onde fomos para o museu.

Percebi que nas atividades das aulas teóricas foi mais lento o processo de aprendizagem, que absorviam mais conhecimentos nas aulas práticas que eram aulas diferenciadas das que estavam acostumados. Nestas aulas percebi que os alunos tinham o gosto pela atividade, todos queriam participar e todos trabalhavam em grupos, diferentes das aulas teóricas. As crianças se tornaram mais próximas de nós, professores do PIBID, porque sabiam que sempre teríamos uma aula divertida e diferente para passar para eles. Ficavam esperando o dia de chegarmos de novo.

Sempre que era feita uma atividade conseguíamos fazer ligação para a próxima aula e, com isso, nossos alunos aprendiam com mais facilidade, pois querendo ou não era uma continuidade da aula anterior. Desde os indígenas até a atividade do museu foram vistos e lembrados os indígenas do Rio Grande do Sul; no trabalho da cerâmica foram lembrados os povos ceramistas; no sítio arqueológico também foram lembrados estes povos e no museu, que foi a etapa final, foram mencionados todos os povos. Foi também no museu que se lembraram, de suas cerâmicas, porque neste espaço do museu estavam as urnas funerárias, algumas quase inteiras, outras só alguns pedaços e tinha aquelas que estavam inteiras com todos os pedaços achados e colados.

No museu o conhecimento foi maior, além de ver os objetos conseguiram refletir e construir a história dentro do que estudaram, vimos que compreenderam melhor o tempo e o espaço. E as dúvidas se terminaram ali mesmo, pois a imaginação deixava cada um reconstruir a história. Neste momento vimos como foram importantes às aulas práticas e a visita ao museu, mesmo fora da sala de aula a aprendizagem é contínua.

Mas as atividades ainda não terminaram mesmo depois, voltando do museu para dentro da sala, conversamos sobre o que gostaram e vimos nesta conversa que o conteúdo foi bem aprendido com esta maneira de passar as aulas através de atividades práticas. Como na ida e tanto na volta, da escola para o museu, e do museu para a escola, vimos o meio urbano, prédios históricos e nomes de algumas ruas, nossas próximas atividades ainda vão dar continuidade, pois vai ser sobre os imigrantes que chegaram à cidade e o patrimônio que estes colonizadores deixaram como seus costumes e suas casas. Nesta próxima atividade vão poder comparar através de mapas e passeios como era quando existiam os indígenas, depois como ficou quando chegaram os primeiros imigrantes e como a cidade está atualmente. As atividades continuadas sempre são lembradas e questionadas coisas das aulas anteriores, assim o aprendizado é mais rápido e fica mais fácil de gravar os conteúdos com estas formas práticas.

Referências

ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CAVALCANTE; Kleber G. **Datação do Carbono 14**. Disponível em <<http://www.mundoeducacao.com/fisica/datacao-carbono-14.htm>>. Acesso em: 11 jul. 2014.

CELORIA, Francis. **Arqueologia**. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1978.

CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. **Os primeiros habitantes do Rio Grande do Sul**. UNISC; IPHAN, 2004.

Instituto Anchieta de Pesquisa São Leopoldo. **Pré-história do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo, Unisinos, 1991. 178p.

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. **Manual de introdução a arqueologia**. Porto Alegre, livraria Sulina, 1977.

1200 anos de história: arqueologia e pré-história do Rio Grande do Sul. **Catálogo da exposição organizado pelo Museu da UFRGS**. Porto Alegre. 2013. 116p.

